

BOLETIM DE MONITORAMENTO

DA CANA-DE-AÇÚCAR NO ESTADO DE SÃO PAULO

CTBE | CNPEM

APOIO: UNICAMP & INPE

JULHO | EDIÇÃO #17

ENTREVISTA | ZILMAR JOSÉ DE SOUZA



Zilmar José de Souza | Foto: Niel Andreas/UNICA

SOBRE O ENTREVISTADO

Desde 2009, é gerente em bioeletricidade da UNICA - União da Indústria de Cana-de-Açúcar. Formado em Economia pela FE-ARP-USP, possui mestrado em Economia pela ESALQ-USP e doutorado em Engenharia de Produção pela UFSCar. Terminou o pós-doutorado em 2006, em Economia, pela FGV-SP. Tem experiência profissional em empresas como Banco Itaú, CPFL, Energias do Brasil, e no governo do Estado de São Paulo (Agência Reguladora de Saneamento e Energia). Também foi professor nas Universidades Mackenzie e UNESP – Jaboticabal.

Para a edição de retorno do Boletim de Monitoramento, elaborado pelo Laboratório de Ciência e Tecnologia do Bioetanol (CTBE), um dos quatro Laboratórios Nacionais do Centro Nacional de Pesquisa em Energia e Materiais (CNPEM), conversamos com o gerente em Bioeletricidade da União da Indústria da Cana-de-Açúcar (UNICA), Zilmar José de Souza. Na entrevista, o professor e especialista em agroenergia fala sobre a principal influência na formação de preços do mercado livre de energia elétrica, a perspectiva da comercialização de biomassa de cana-de-açúcar frente ao atual cenário elétrico nacional e como informativos como este podem subsidiar decisões de investidores em energia de bagaço e palha de cana-de-açúcar.

Como é feita a precificação da energia elétrica?

Existem no Brasil dois mercados principais. Um deles é o mercado regulado, no qual temos os leilões regulados, promovidos pelo governo federal, o preço é definido pelo governo e os contratos podem ser de até 25 anos, reajustados pelo IPCA [sigla para Índice de Preços ao Consumidor Amplo, considerado o índice oficial de inflação do País]. O outro é o mercado livre que, como o próprio nome diz, é livre a formação de preços, estabelecido de acordo com a oferta e a demanda. Se uma usina vendeu 100% da sua garantia física do que ela espera produzir apenas no ambiente regulado, o preço é dado enquanto durar o contrato. Agora, se ela vendeu parte no regulado e parte no livre e/ou somente 100% no livre, o preço

é dado pelas condições de oferta e demanda e pela negociação no mercado livre.

Quando se tem uma boa produtividade na cultura de cana-de-açúcar e se gera mais energia com o bagaço e a palha, o valor do mercado livre abaixa porque existe uma oferta maior? Não necessariamente. A gente [o setor sucroenergético] acaba não formando o preço do mercado livre. É uma oferta reduzida vis-à-vis o setor elétrico brasileiro que é gigante. O que influencia muito a formação de preços no mercado livre, principalmente no curto prazo, são as condições hidrológicas do sistema elétrico brasileiro. Não são as condições hidrológicas do canal. Estamos falando aqui de toda a caixa d'água do Sistema Interligado Nacional, são os reservatórios das hidrelétricas. Então, o setor sucroenergético acompanha a par e passo as condições hidrológicas do sistema elétrico, porque é ele quem vai ditar a formação do preço, principalmente, no mercado livre de curto prazo. Existe até uma variável denominada de Energia Natural Afluente, a ENA, que é a grande formadora dos preços no mercado a curto prazo, junto com a demanda por energia. A ENA representa o quanto chove naquela semana, por exemplo na região sudeste, nos reservatórios. O setor sucroenergético acompanha bastante essa variável.

Qual é a atual situação da energia gerada a partir da biomassa [bagaço e palha] da cana-de-açúcar no Brasil? É uma energia renovável, tem uma demanda, tem um apelo muito forte por questão da sustentabilidade e eu acredito que essa fonte de energia estará cada vez mais presente no setor elétrico. No ambiente regulado há ainda, em 2017, uma incerteza por conta de que houve uma queda abrupta

na demanda e as distribuidoras de energia alegam estar sobre-contratadas. Então, ainda há uma incerteza se teremos novos leilões em 2017 ou não. No mercado livre você tem a opção também de fazer a venda de energia, mas no mercado regulado ainda temos a principal porta de entrada para essa fonte, porque é onde existe maior possibilidade de se adquirir um contrato de até 25 anos reajustado pelo IPCA. Então, o mercado regulado ajuda muito na viabilidade do investimento. Esperamos que, cada vez mais, o mercado livre possa ser fortalecido para que no futuro possamos ter mais oportunidades de ter projetos viabilizados 100% nascendo no mercado livre. Mas hoje, ainda há uma forte dependência, não só a energia gerada a partir da biomassa, mas a eólica, solar e demais fontes, do mercado regulado e dos leilões promovidos pelo governo federal.

De que forma boletins de monitoramento como este podem influenciar o mercado de venda de energia elétrica, em especial de bioeletricidade gerada a partir da biomassa de cana? Quanto mais informação se tem sobre a quantidade de biomassa esperada, sobre o comportamento da safra, melhor é, porque ao vender energia no setor elétrico você assume um compromisso, quer seja num leilão, quer seja no mercado livre. Então, quanto maior a confiança de que essa biomassa estará disponível, melhor é para a percepção de risco de investimento da unidade produtora. Certamente o relatório de vocês é uma informação adicional que ajuda a montar esse cenário na hora da venda da energia elétrica, principalmente no mercado livre, onde são assumidos contratos, muitas vezes, de curto prazo, um contrato de safra, o que é muito comum no setor da biomassa do mercado livre.

EXPEDIENTE

ENTREVISTA E DIAGRAMAÇÃO

Viviane Celente | Jornalista do CTBE/CNPEM

REALIZAÇÃO TÉCNICA

Ana Cláudia Luciano | Analista do CTBE/CNPEM

Daniel Duft | Analista do CTBE/CNPEM

Daniele Henzler | Estagiária do CTBE/CNPEM

Ieda Sanches | Pesquisador do INPE

Jansle Vieira Rocha | Pesquisadora da Unicamp

Matheus | Estagiário do CTBE/CNPEM

Michelle Picoli | Pesquisadora do INPE

Simone Corrêa | Analista do CTBE/CNPEM

Thayse Hernandes | Pesquisadora do CTBE/CNPEM

REALIZAÇÃO

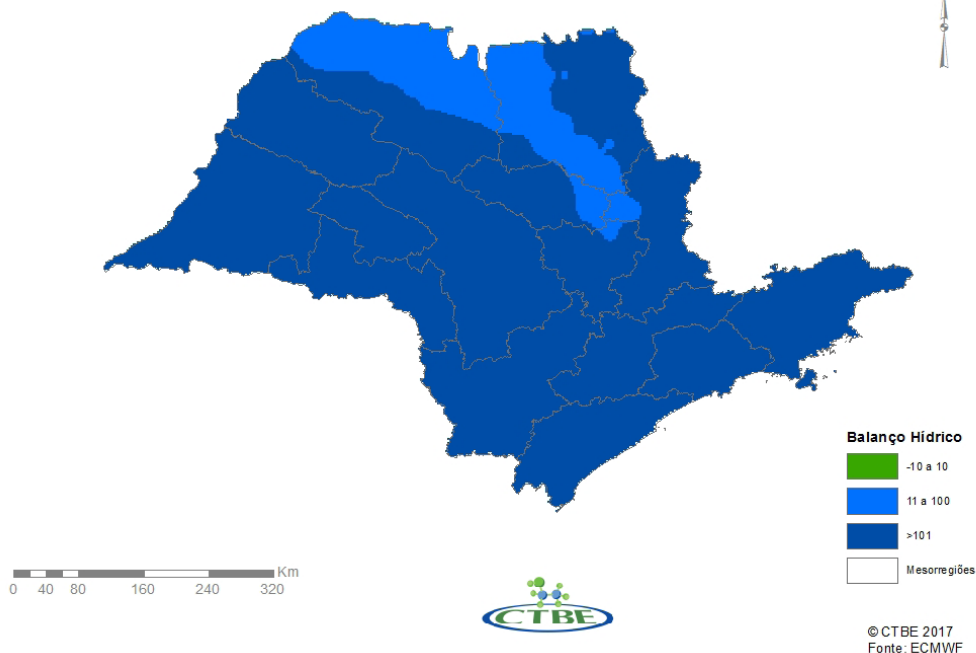


MAPA DO BALANÇO HIDRÍCO

DO MÊS DE JUNHO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Balanço Hídrico

Junho 2017



Devido às chuvas acima da média nos meses de abril e maio, o mês de junho ainda apresentou balanço hídrico positivo em todo o estado de São Paulo. A maior região produtora do estado, que engloba as

mesorregiões de Ribeirão Preto e São José do Rio Preto, apresentou um excedente hídrico de até 100 mm. As demais regiões do estado estavam com um excedente hídrico maior do que 100 mm.

SEMÁFORO DE DESEMPENHO DA SAFRA

DO MÊS DE JUNHO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Semáforo de Junho



* **NDVI** é a sigla em inglês para *Índice de Vegetação da Diferença Normalizada*, que é o índice que analisa a cobertura vegetal de determinada região através de sensoriamento remoto.

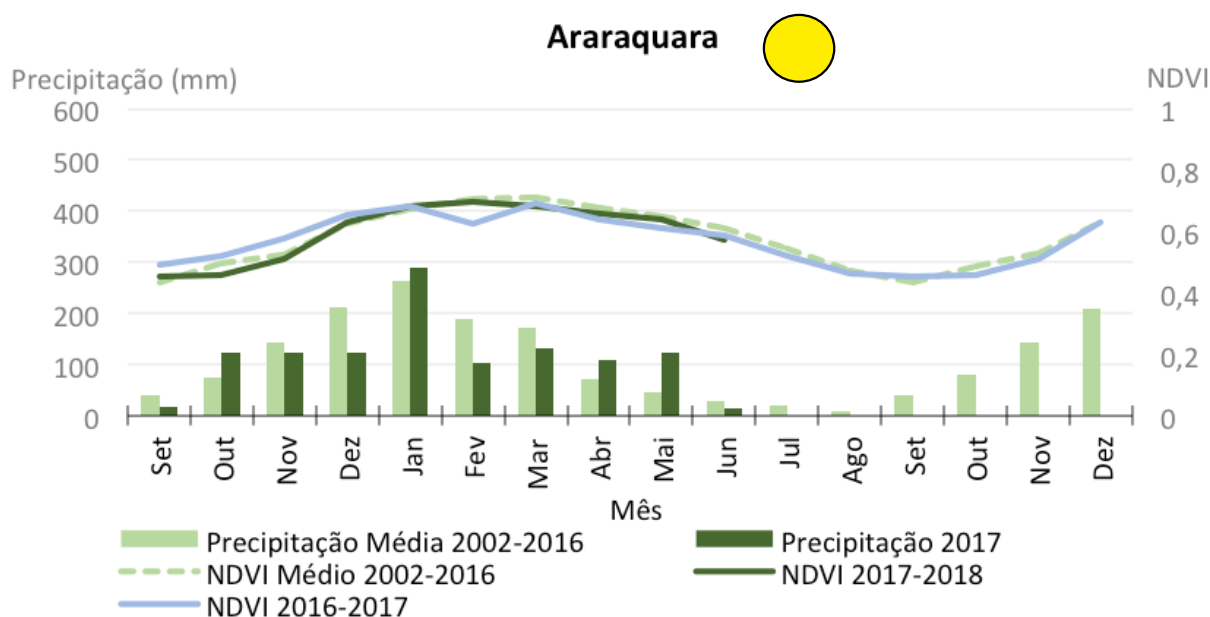
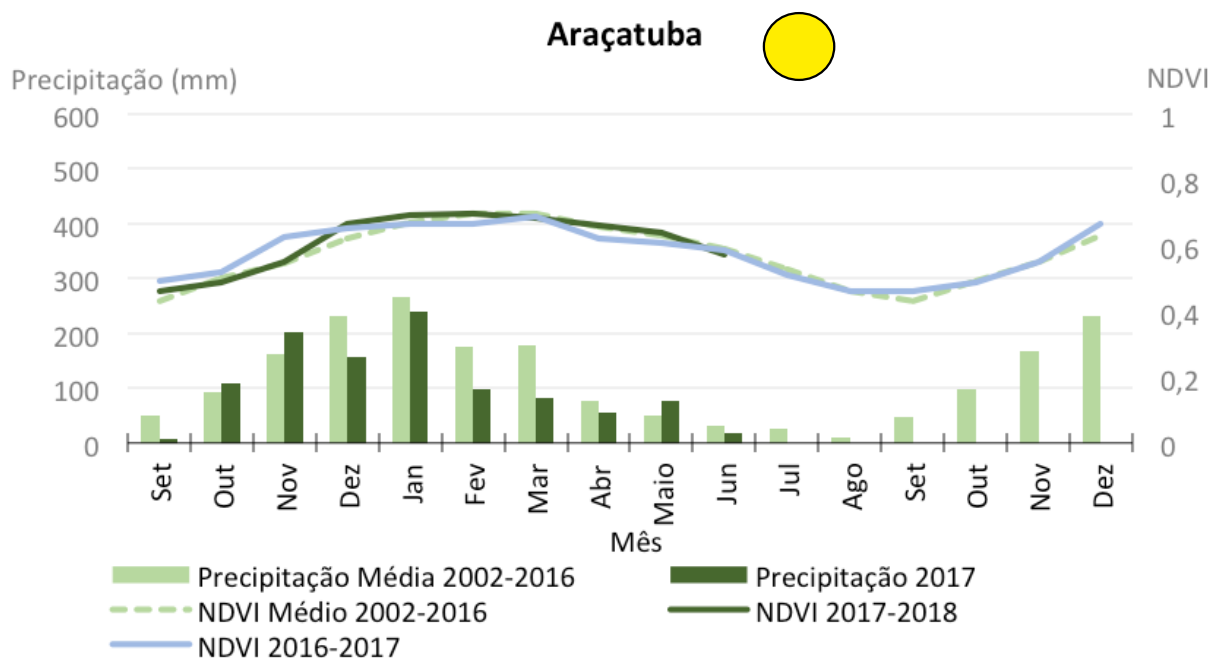


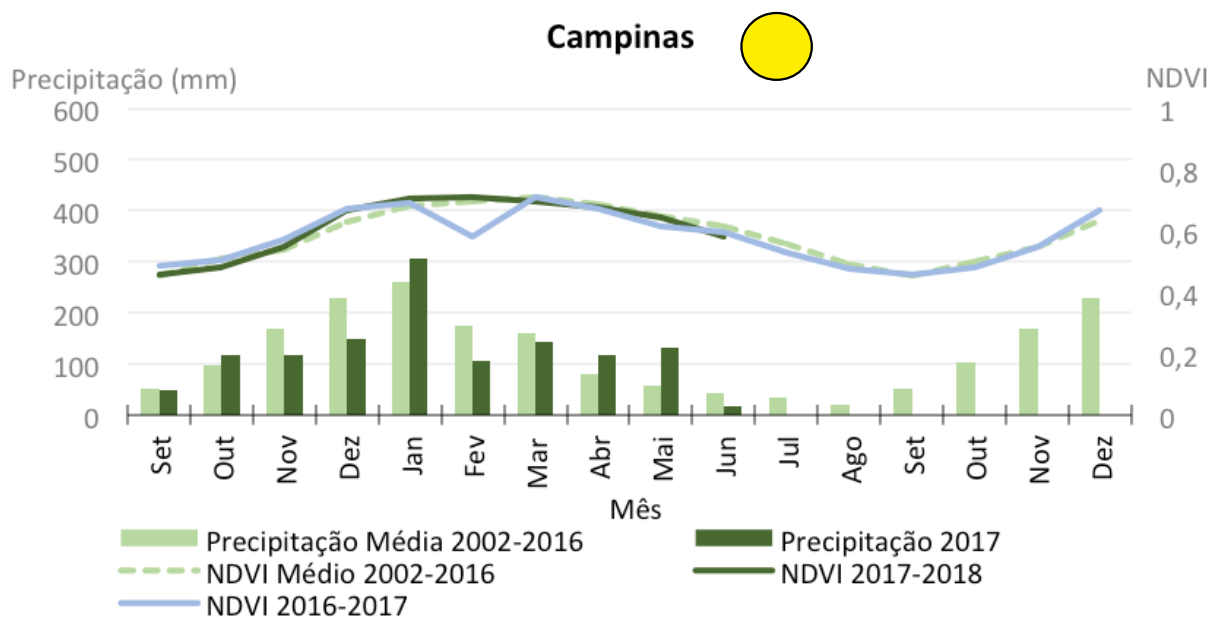
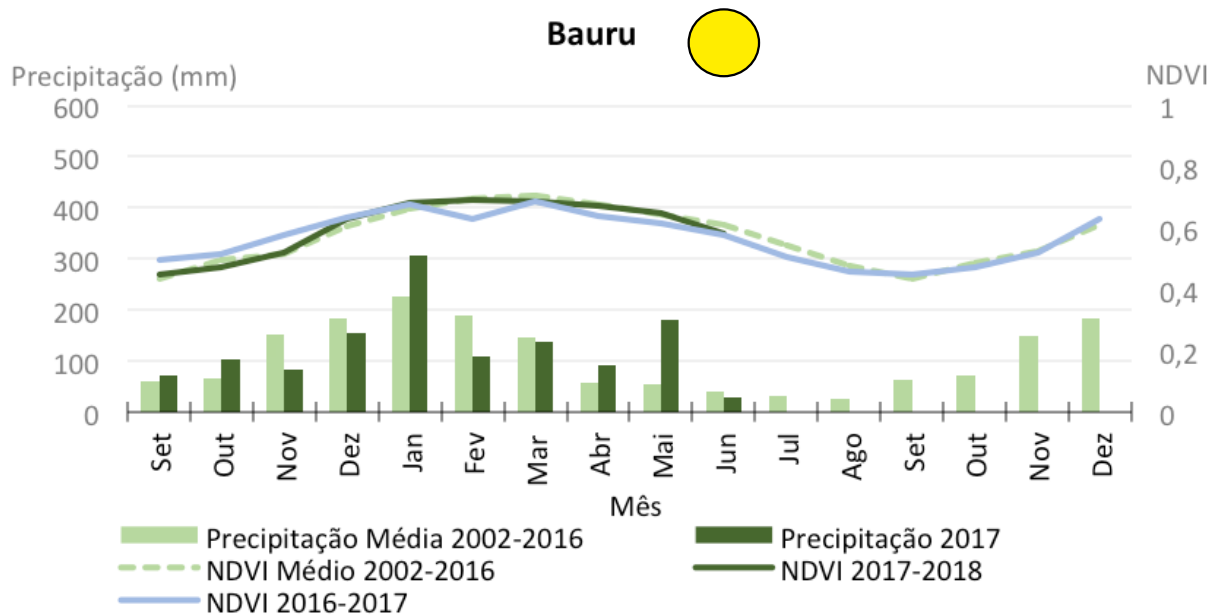
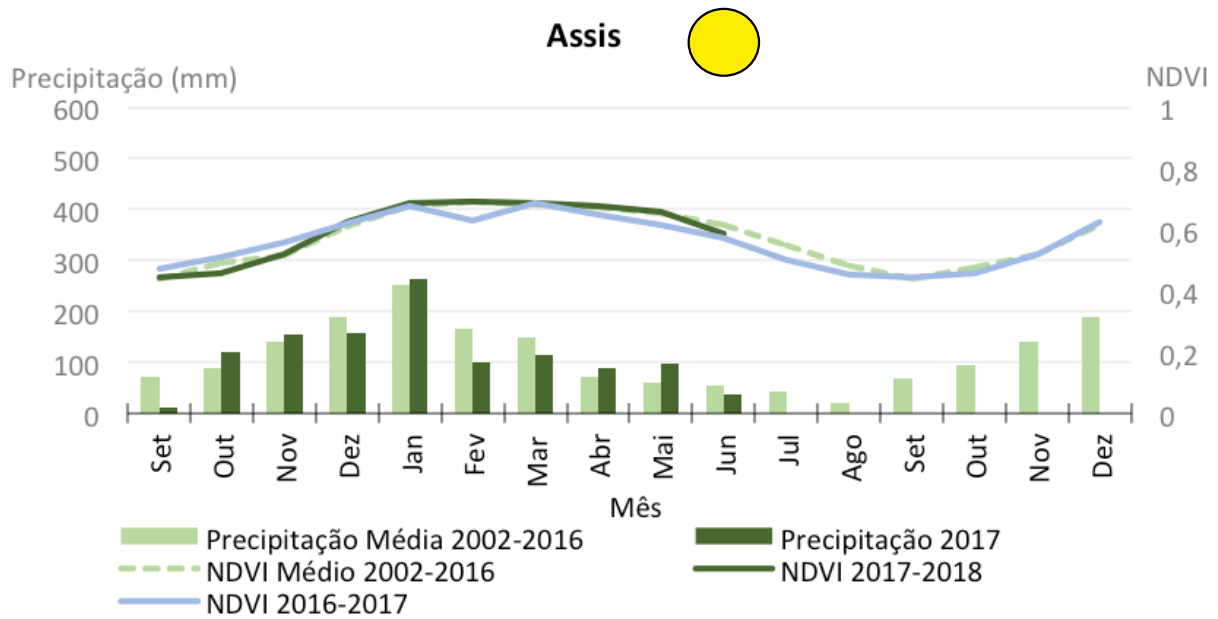
SEMÁFORO DE DESEMPENHO DA SAFRA

DAS REGIÕES DO ESTADO DE SÃO PAULO PRODUTORAS DE CANA-DE-AÇÚCAR

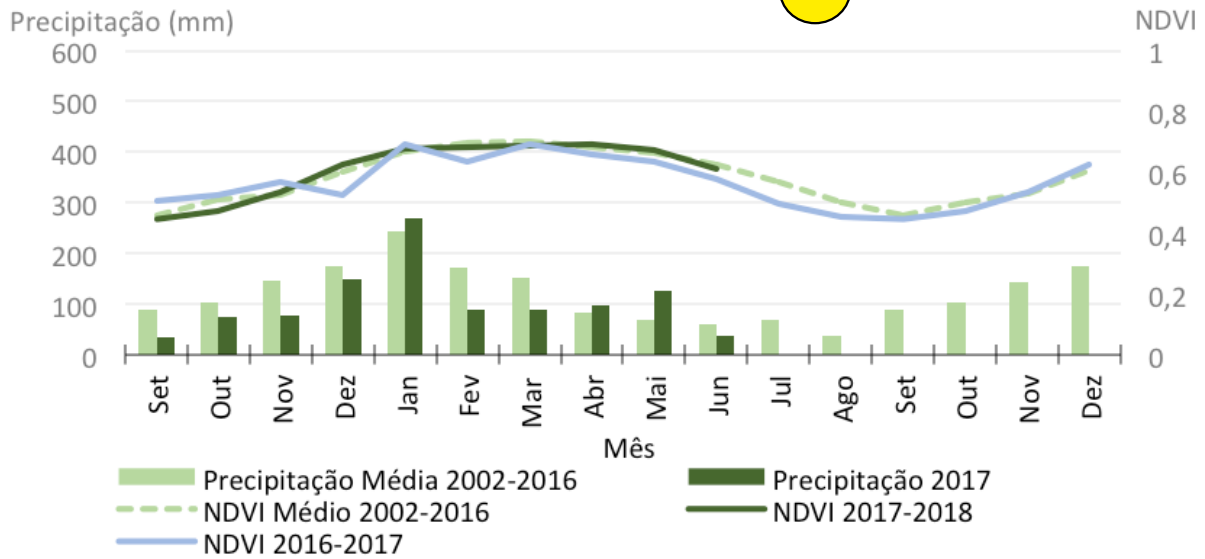
Embora o volume de precipitação no mês de junho tenha sido acima da média histórica, às baixas temperaturas fizeram o desenvolvimento da cana-de-açúcar ficarem dentro da média. Será necessário que a cultura retome seu crescimento para que atinjam o máximo potencial para esta safra. Apenas a mesorregião Macro Metropolitana Paulista (MMP) teve o valor de NDVI acima da média, porém essa é a região que possui menos cana plantada em todo o

estado. Espera-se que com o aumento da temperatura e com a volta das chuvas faça o desenvolvimento da cultura melhorar no próximo mês. Confira os gráficos abaixo com os níveis de precipitação e NDVI de 2017 até o mês de junho, comparados aos níveis médios de precipitação e NDVI de 2002 a 2016. Os círculos em verde e amarelo representam as cores do semáforo relativas ao nível de NDVI de cada região nos meses analisados.

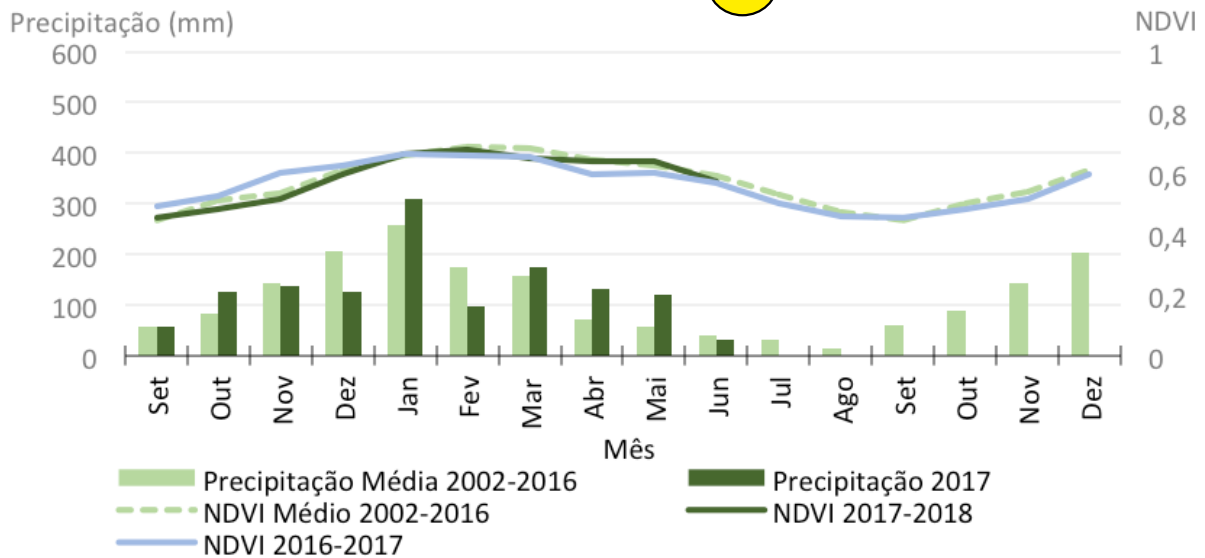




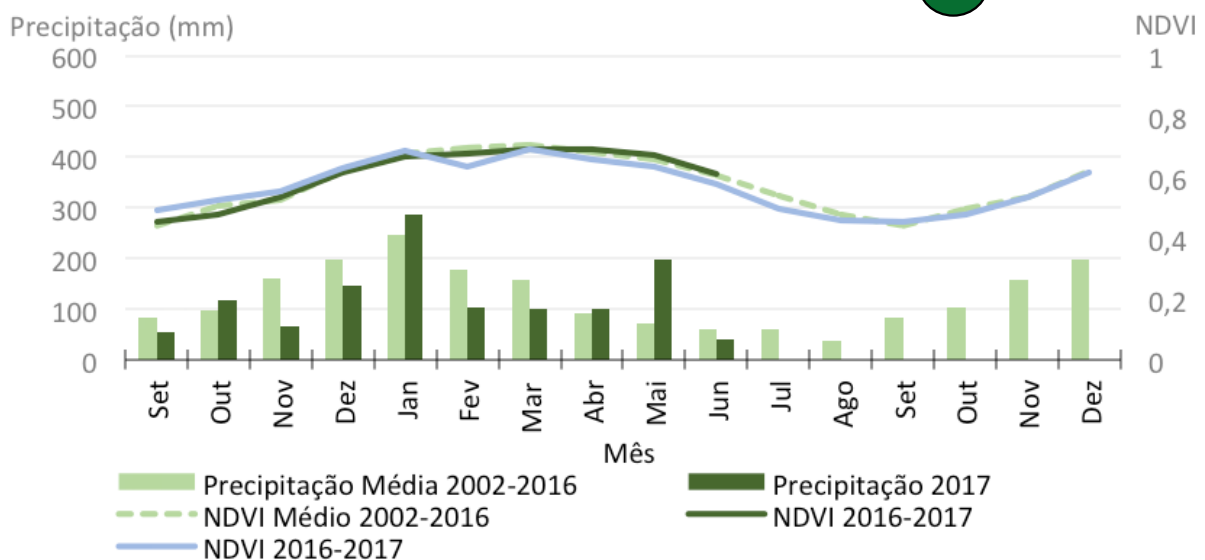
Itapetininga

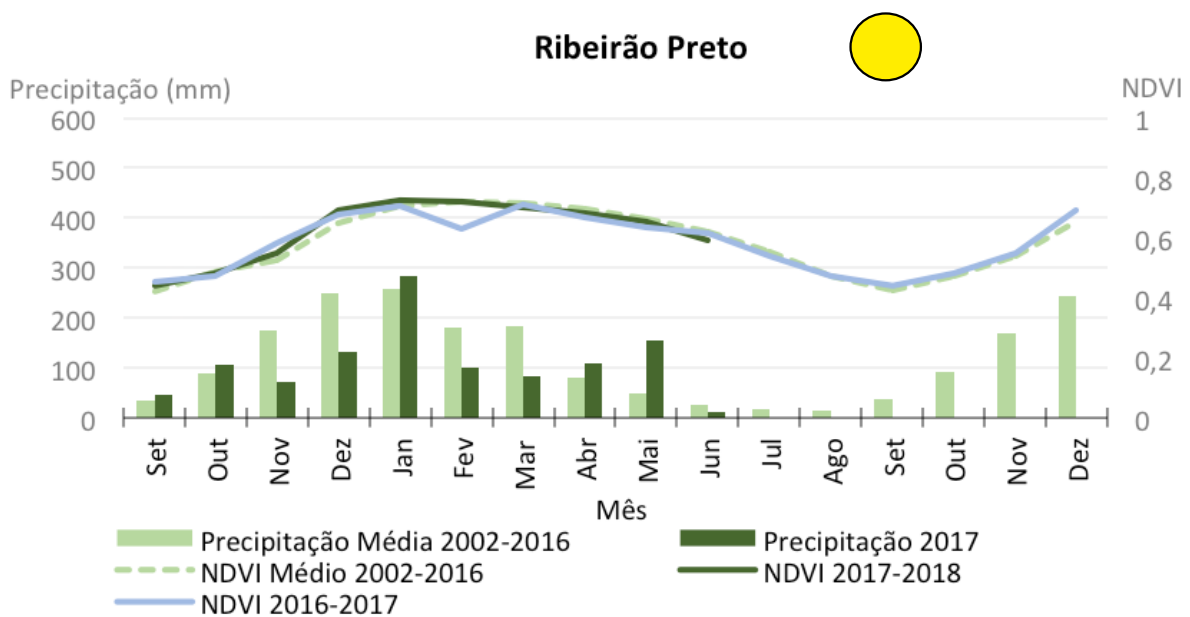
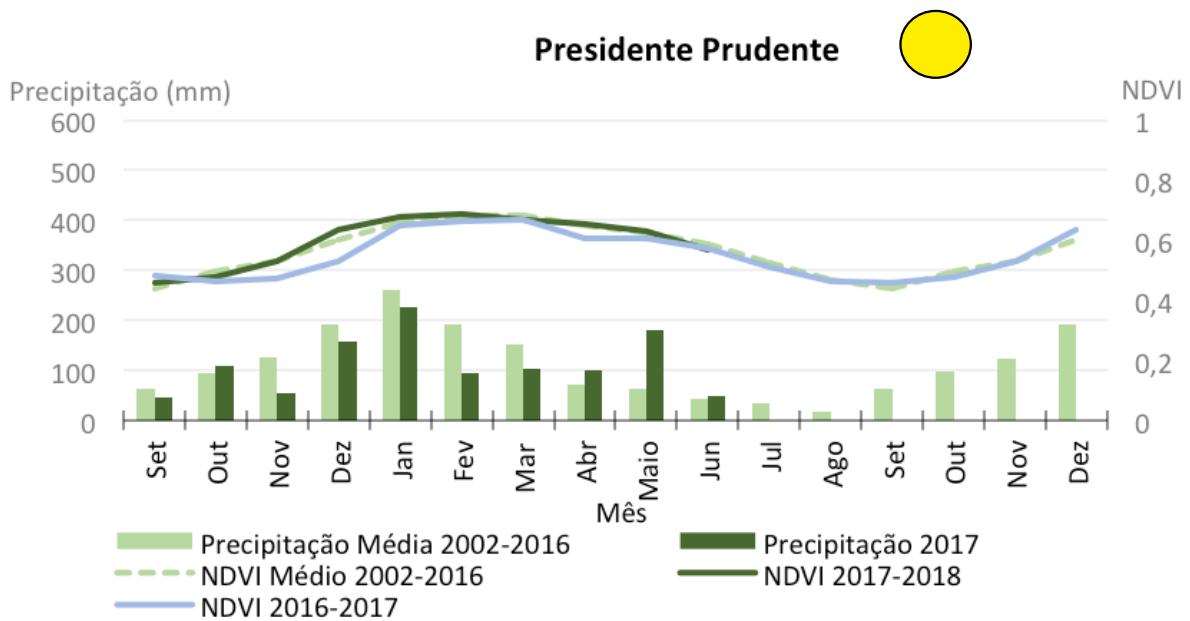
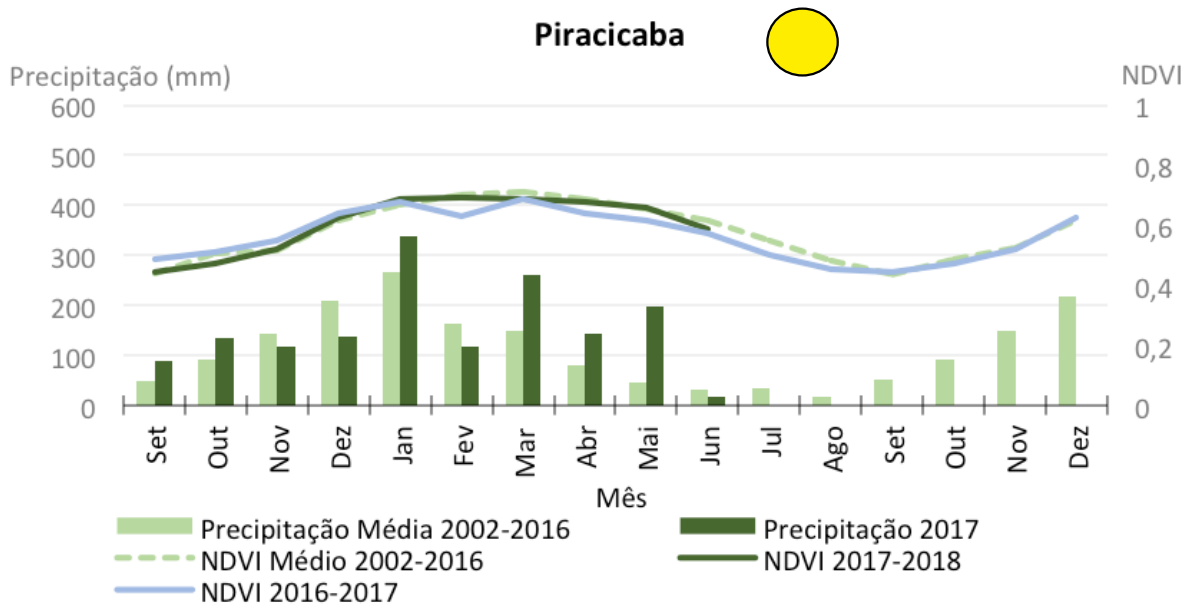


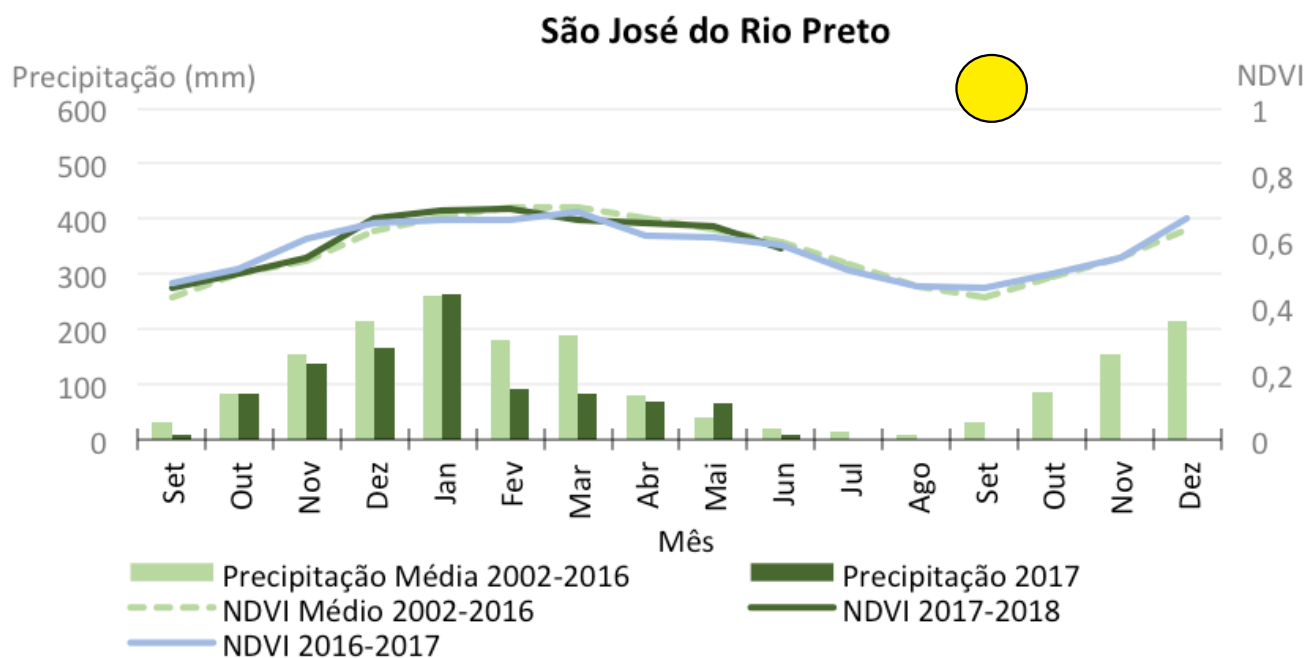
Marília



Macro Metropolitana Paulista







SEJA UM LEITOR DOS BOLETINS DO CTBE/CNPEM

Clique aqui e faça a sua assinatura para receber em primeira mão os boletins do Laboratório Nacional de Ciência e Tecnologia do Bioetanol (CTBE)

Entre em contato conosco através do endereço de e-mail **ctbecomunica@bioetanol.org.br** ou por telefone no **(19) 3518-3119**.

ACESSE NOSSO SITE E REDES SOCIAIS

SITE: <http://ctbe.cnpem.br/>

LINKEDIN: <https://www.linkedin.com/company-beta/351947/>

FACEBOOK: <https://www.facebook.com/CNPEM/>

SOBRE O CTBE/CNPEM

O [Laboratório Nacional de Ciência e Tecnologia do Bioetanol \(CTBE\)](#) integra o [Centro Nacional de Pesquisa em Energia e Materiais \(CNPEM\)](#), organização social qualificada pelo [Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações \(MCTIC\)](#). O CTBE desenvolve pesquisa e inovação de nível internacional na área de biomassa voltada à produção de energia, em especial do etanol de cana-de-açúcar. O Laboratório possui um ambiente singular no País para o escalonamento de tecnologias, visando a transferência de processos da bancada científica para o setor produtivo, no qual se destaca a Planta Piloto para Desenvolvimento de Processos (PPDP).